

O PAPEL DA TRADIÇÃO FILOSÓFICA NA CONSTRUÇÃO DA ATITUDE CRÍTICA

THE ROLE OF THE PHILOSOPHICAL TRADITION IN THE CONSTRUCTION OF THE CRITICAL ATTITUDE

Maria do Socorro Cordeiro de Sousa^{1*}, Cicera Alves Agostinho de Sá², Cicero Reginaldo Nascimento Santos³

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa de natureza bibliográfica que tem como objetivo geral a análise do processo de formação docente a partir de uma visão crítica advinda prioritamente da filosofia da educação. Assim, delineiam-se como objetivos específicos à contextualização da tradição filosófica na construção de uma postura crítica, a aplicabilidade do senso crítico na formação docente, bem como os aspectos interdisciplinares do exercício do magistério. O tema proposto tem como finalidade despertar o espírito crítico, filosófico em nossos professores atuais.

Palavras-chave: formação docente, educação, filosofia, senso crítico.

Abstract: This article is the result of a research nature of literature that has as main objective the analysis of the process of teacher education from a critical prioritamente arising from the philosophy of education. So, outlines specific goals as the contextualization of the philosophical tradition in building a critical stance, the applicability of critical thinking in teacher education, as well as interdisciplinary aspects of the practice of teaching. The theme aims at awakening the critical spirit, in our philosophical and current teachers.

Keywords: teacher training, education, philosophy, critical sense.

INTRODUÇÃO

A educação na atualidade tem se tornado uma tarefa difícil e cada vez mais exigente. O papel de educar é um papel de grande responsabilidade e uma tarefa nobre, de indispensável valor para a sociedade. Pelas mãos do professor, estão para ser instruídos, os futuros representantes da nação, desde seu primeiro representante, aos responsáveis legais pelas leis, sua criação e execução. Todos indistintamente têm na orientação de seus professores a primeira destinação para o seu futuro, para toda a vida.

O professor não apenas custodia o saber, como tem o dever de transmiti-lo e transmitindo-o, excitar a sua produção e desenvolvimento. Dessa forma, decidimos nos perguntar acerca do papel do professor suas responsabilidades e deveres no exercício de sua missão educativa, voltando-nos, para tanto, a perguntar sobre sua formação.

Em um mundo onde a tarefa de educar, vai se tornando gradativamente uma tarefa mais exigente e difícil, onde a crescente troca de informações avança em ritmo acelerado e o compasso das mudanças se segue em uma agitação frenética. Nossa pesquisa lança o olhar sobre a formação

do professor, a fim de atingir a dimensão filosófica deste processo formativo.

Neste mundo de mudanças rápidas, passageiras, até ilusórias algumas vezes, mas sempre cruciais, se faz necessário que estejamos preparados para uma avaliação sempre crítica da situação. Contudo, se a formação passa inicialmente pelas mãos dos docentes, nossa pesquisa se volta para a preparação inicial destes, como forma de possibilitar à sociedade esta correta orientação para um espírito crítico e reflexivo, hoje não só almejado, mas necessário.

Foi nossa pretensão elucidar as contribuições favoráveis que podem ser oferecidas pelo pensar filosófico, de cunho reflexivo e crítico, para a formação dos nossos professores, e através destes à toda sociedade. Assim, a fim de possibilitar uma melhor compreensão desse saber reflexivo e crítico. Optamos por apresentar inicialmente uma breve contextualização histórica, relatando o nascimento da filosofia e a marcante ideologia que se formou em torno da mesma, levando à reviravolta do pensar ocidental, buscamos elucidar os pressupostos que favoreceram, na Grécia, o nascimento da nova forma de pensar, destacando a existência de sua explicação mitológica da realidade e o impulso indagador do espírito grego.

*autor para correspondência

Recebido para publicação em 16/08/2012; aprovado em 15/12/2012

¹ Graduada em Letras pela Faculdade de Milagres Ceará. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana pela Universidade Regional do Cariri. Professora da Escola Estadual de Educação Profissional Irmã Ana Zélia da Fonseca.. E-mail: corinhacordeiro@hotmail.com*

² Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri. Especialista em língua Portuguesa e Arte-Educação pela URCA. Especialista em Gestão Escolar pela UFC. Coordenadora Escolar da Escola Estadual de Educação Profissional Irmã Ana Zélia da Fonseca.. E-mail: profajucy@yahoo.com.br

³ Graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental (UTIC). Professor da Faculdade Leão Sampaio, professor Efetivo do Estado do Ceará (SEDUC), E-mail: regis.n.s@hotmail.com

A mitologia grega como forma de explicação da realidade.

Para atingir a reflexão acerca da formação crítica do docente em nosso contexto atual, é importante que não se parta de uma dimensão pontual, de circunstância, mas que tenha em mente a realidade mesma do pensar e refletir criticamente. Dentro desta perspectiva é oportuno analisar a história do pensar filosófico. Nele encontram-se as bases da análise crítica da realidade, das perguntas pela verdade ou falsidade do pensar, agir e conhecer humanos.

As origens do pensar filosófico remetem-se a Grécia. Ali a própria configuração da realidade social e política favoreciam o surgimento do pensar crítico e filosófico. Nas estruturas de conhecimento e leitura da realidade, encontra-se uma forte mitologia, centrada na explicação superficial da realidade. Todavia não se pode como tantos o fazem simplesmente definir como irracional. Na mitologia grega, no indagar, de forma básica sobre as estruturas que definem a realidade, tem-se o berço ideal para uma posterior indagação filosófica.

Na mitologia, os homens que já se perguntavam, definiam respostas que, não condizentes com a realidade em si, aquietavam a suas perguntas. Na mitologia eles tentavam explicar a realidade inquietante, atribuindo-lhe explicações simples, superficiais e relativas. Quando respondiam suas próprias indagações encontravam-se satisfeitos, não lhes era preciso verificar, vasculhar, ir ao profundo das questões.

Contudo, sem ficar presos na reflexão sobre o erro grego da superficialidade e conseqüente simplicidade das respostas, cabe-nos observar a magia que já os cercava. A magia da pergunta, da indagação. Para os gregos era necessário, ainda que superficialmente no mito, responder as inquietações. Para eles, era necessário, explicar a origem, definir a *arché*, o princípio.

Na mitologia, embora as respostas fossem superficiais, as perguntas eram profundas: o princípio fundamental da realidade, a saga humana sobre a natureza, o sofrimento, a dor. Todas essas questões tinham seu momento no refletir mitológico. O princípio fundamental nas forças cósmicas, a saga de um homem sofredor por roubar o fogo dos deuses, o sofrimento e a dor dos homens por serem ora amados, ora odiados pelos deuses do Olimpo.

Na mitologia a realidade era explicada. Os mitos tinham ainda o papel de unir de definir comportamentos, de assegurar pertença e identificação com o grupo, com o clã. Por eles, os mistérios da natureza eram parcialmente revelados e as lutas internas do homem eram acalmadas.

Contudo, o espírito acalmado, não condiz com o espírito crítico a que se busca defender. Se a mitologia grega, como explicação da realidade guardava uma forte qualidade de impulsionar o homem como o ser da pergunta frente à realidade; ela também tinha a condição negativa de frear a sua indagação, tornando-a quase que ilusória. “A explicação pelo mito, ou pela tradição, tem a força do sagrado. Quando o mito fala, é como se Deus

falasse – e com Deus não se discute” (REZENDE, 2005:16).

Perguntar pela realidade e confrontar-se de forma firme perante a mesma, foi e permanece uma atitude de bravura e grandeza do espírito humano, à qual os gregos souberam validar com perguntas sempre mais relevantes, mas ater-se frente a este grave questionamento com respostas parciais ou ainda relativas era e permanece também como uma grave perda da grandeza e da bravura do espírito de saber humano.

O mito que impulsionava a pergunta, que exigia respostas, dava à época dos gregos, provas de que necessitava ser superado, era necessário desenvolver o pensamento humano, era necessário avançar, visando um conhecimento mais adequado da realidade. Essa atitude só foi se configurando quando os homens começaram a, não se contentando com o mito, indagar com espírito filosófico a realidade.

A passagem do mito às primeiras perguntas filosóficas.

Os gregos questionadores que eram, tentavam com sua mitologia explicar a realidade. A mitologia, explicando a realidade, muitas vezes, lhe tirava o esplendor. A explicação mitológica atribuía ao real, traços ilusórios, fantasiosos, que ao invés de atrair a atenção dos homens para os mesmos, em efeito contrário os retraía. As narrações mitológicas, não só explicavam a realidade, mas tentavam dar bases a si próprias. Frente a elas não tinha mais o que perguntar, pois sempre estava nas mãos dos deuses, do destino e da fortuna traçada para cada uma a definição de seu caminhar.

Mas era para estes mesmos gregos que faltava o mais, era a esses gregos que o mito não convencia. Dentro deles, estava guardada, talvez adormecida, mas não apagada a chama da indagação, do questionamento e da profunda reflexão sobre o real.

“Sem dúvida, a religião, as tradições e os mitos explicavam todas essas coisas, mas suas explicações já não satisfaziam aos que interrogavam sobre as causas da mudança, da permanência, da repetição, da desaparecimento e do ressurgimento de todos os seres. Haviam perdido força explicativa, não convenciam nem satisfaziam a quem desejava conhecer a verdade sobre o mundo.” (CHAUI, 2003:32)

Dentro do terreno fértil de uma Grécia que se perguntava, questionamento que o mito tentava responder e calar, surge o pensar filosófico. O novo pensar possuía medidas de amor ao saber. Os filósofos buscavam o centro da questão e se preocupavam com a validade e profundidade de suas respostas.

As questões sobre a realidade do tempo e do espaço, sobre a origem e mudança das coisas, sobre a sucessão dos

fatos e acontecimentos foram indagadas pelos primeiros pensadores que buscavam discernir sua real validade e sua verdade escondida. Não se pode negar que o mito, perpassado pelo pensar religioso, antes tentara responder sobre estas realidades. Mas como visto antes, suas respostas já não satisfaziam ou calavam o ímpeto de interrogação e questionamento que faziam aqueles primeiros nomes da filosofia.

“Sua originalidade começa a aparecer melhor quando se consideram suas explicações sobre os fenômenos naturais como a chuva, o raio, o trovão; suas descrições do cosmo; suas explicações sobre a origem mesma do universo. É na comparação dessas suas explicações sobre o mundo natural com aquelas dadas pelos mitos e pelas crenças populares que nos damos conta da emergência de algo novo: o uso da especulação racional na tentativa de compreender a realidade que se manifesta aos homens”. (REZENDE, 2005:19).

Amar a sabedoria para os primeiros pensadores seria ir a fundo, indagar lá aonde a indagação parecia não ter sentido ou está tranquila. Amar a sabedoria soara para o novo saber como o despertar de um novo espírito, o espírito crítico do não contentar-se do ir adiante não se deixando acalentar com meras explicações tradicionais ou religioso-mitológicas. O espírito crítico despertado nos filósofos da primeira geração viria a desenvolver-se ao longo dos tempos, mas sempre acompanhado pela reflexão apurada dos fatos, animaria constantemente a racionalidade humana em sua busca pelo saber e paixão pela sabedoria.

Pressupostos históricos e sociais para o desenvolvimento da tradição filosófica grega.

Numa Grécia que valorizava a pergunta, mas que também estava amplamente consolada pelas respostas da mitologia, a filosofia teima em nascer. Na Grécia, as respostas mitológicas da realidade, a explicação aparente que elas comportavam tinha tudo para evitar qualquer centelha de reflexão ou perguntas filosóficas.

A grande questão seria: em um mundo de mitologia e acentuada tradição religiosa, o que teria então favorecido o desenvolvimento da filosofia? Como uma das primeiras respostas está justamente o senso da tradição religiosa e da mitologia que perpassavam toda a explicação grega da realidade. A mitologia, narração grega sobre a origem do mundo e tudo o que nele existe, foi o primeiro motivo para o novo pensamento. Dentre outras diferenças entre o mito e a filosofia nascente, é possível mencionar:

“O mito pretendia narrar como as coisas eram ou tinham sido

no passado imemorial, longínquo e fabuloso, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente. A Filosofia, ao contrário, se preocupa em explicar como e por que, no passado, no presente e no futuro (isto é, na totalidade do tempo), coisas são como são. (CHAUI, 2003:36)”

O efeito contrário foi gerado, o mito não só não sufocou a nova reflexão, como lhe serviu de impulso. Também para os orientais foi assim, onde se fazia presente uma explicação muito animosa e metafórica da realidade uma nova reflexão se fazia necessária. Muitos chegaram mesmo a defender que a filosofia teria nascido no meio ambiente oriental, que os gregos apenas a teria desenvolvido.

A ideia de uma filosofia nascida em ambiente oriental não é uma ideia bem aceita ou com justa posição histórica, já que se os orientais tinham em suas grandes civilizações explicações tipicamente religiosas da realidade, recheadas de explicações alegóricas sobre a origem do mundo e sobre sua história e realidade. Faltava a estas mesmas grandes civilizações outros pormenores históricos, que na Grécia se tornaram essenciais e impulso certo para o desenvolvimento filosófico, pois como vimos o mito assumiu apenas um dos lugares na origem da filosofia.

Enquanto as grandes civilizações ocidentais possuíam os pressupostos mitológicos, tal e qual os gregos para o desenvolvimento de pensar filosófico, lhes faltavam os pressupostos sociais e intelectuais. Pressupostos sociais, porque não contavam com organização civil grega, que dotava com o grande mérito da liberdade para os seus cidadãos. A liberdade dos cidadãos gregos dava-lhe o direito de discutir, de intervir, de indagar e discernir. Era própria da realidade das Cidade-estados gregas o direito do cidadão de participar e intervir, à medida do possível, o que variava de cidade para cidade e de constituição para constituição sobre os interesses comuns, lembremos aqui que mesmo Sócrates, grande filósofo, foi condenado a morte, por sua posição filosófica, prova de que a liberdade grega variava de cidade a cidade. Todas as Polis gregas possuía os limites definidos desta possível manifestação.

Fato é que os gregos tinham o direito de expressar, embora este direito não fosse estendido a todos, entre elas existiam escravos e aqueles que mesmo sendo livre não possuíam cidadania completa, como era o caso de mulheres, crianças e estrangeiros. A liberdade da Cidade Estado era para o grego adulto um dom valiosíssimo e se tornou para filosofia uma porta aberta para o estímulo da reflexão e discussão. Aos grandes impérios e civilizações do oriente faltava-lhes este dom superior como forma de direito a livre expressão e participação nos direcionamentos da dinâmica social.

Como pressupostos intelectuais, podemos perceber que mesmo os mitos gregos eram diferentes daqueles orientais. Os mitos gregos, a seu modo, possuíam um aspecto mais racional, frente aos mitos orientais, eles eram bastante amenos em suas características apavorantes e monstruosas, neles os deuses bem mais humanizados, frente àqueles de outras narrativas, eram sentidos como mais próximos aos homens, neles as origens de diversas realidades tinham explicações uma racionalidade narrativa.

Com todo o conhecimento, os gregos realizaram uma importante transformação, não esquecendo as importantes contribuições das antigas civilizações sobre o desenvolvimento de artes e técnicas, sobre a matemática, a astronomia e a própria medicina. Contudo, foi em ambiente grego que estes saberes foram perdendo o seu sentido de adivinhação, foram ganhando um direcionamento mais prático, mais voltado para a vida prática e cotidiana das pessoas.

Juntam-se a estas realidades mencionadas, a crescente dinâmica e interação marítimas que se desenvolviam, com a troca crescente de experiência e conhecimento entre os povos, entre os quais os gregos. As invenções da escrita, do calendário e da moeda, mas nenhuma característica grega foi tão significativa para o nascimento da filosofia como a vida política, que já acenamos acima. A vida na Pólis grega, a participação dos cidadãos na dinâmica social, a possibilidade de expressão, o que lhe abria um vasto campo de reflexão, foi, juntamente com os outros pressupostos históricos e sociais que se agregaram na vida grega, foram essenciais e fermentaram em meio aos gregos o nascimento desta nova forma de abordagem da realidade.

Elementos característicos da reflexão filosófica.

Depois de tratar sobre a origem da filosofia e os pressupostos do seu desenvolvimento, agora a ênfase será as características do pensar filosófico. A pergunta gira em torno de uma definição mais precisa sobre o que é pensar filosoficamente e quais as características que tornam presentes tal forma de pensar.

Como visto acima, o pensar filosófico se distingue do mito por não ser simplesmente uma explicação superficial da realidade, por não aceitar o aparente e o ilusório como explicação válida daquilo que observa, questiona e indaga. Também foi mencionado que na indagação e no questionamento, na atitude de quem perguntar está à origem do pensar filosófico.

Filósofo é aquele que se depara assombrosamente diante do real, que vê em toda a realidade uma situação de interpelação e questionamento, aquele que se deixa questionar pela realidade e a questiona simultaneamente. O filósofo não pára com espírito de satisfação ou completude diante de suas experiências da realidade nem diante da experiência de outros, ele busca enxergar além, sem deixar-se sufocar pelas explicações óbvias da realidade. “É pela surpresa que os homens, agora e desde

a origem, primeiramente começaram a filosofar”. (ARISTÓTELES Apud SILVA, 1994:6).

Diante do exposto, pode-se então concluir algumas atitudes marcantes do pensar filosófico, atitudes estas que foram determinando as características do novo saber, da nova reflexão diante do pensamento tradicional mitológico ou mesmo religioso. Uma das primeiras características filosóficas por excelência é o espírito crítico, nele nós encontramos o resumo do dizer não às explicações e definições pré-estabelecidas da realidade.

No espírito crítico filosófico encontramos a atitude de quem rejeita tradições puramente aparentes, explicações religiosas e alegorias. No espírito Crítico encontramos ainda a atitude de quem levanta as questões, de quem não fica parado diante da realidade deixando-se conduzir por esta, mas busca incansavelmente ser condutor do seu próprio conhecimento.

O espírito crítico filosófico foi essencial para o nascimento da filosofia e permanece essencial para existência desta, por eles os filósofos conseguiram desvincular-se do mito, aprofundando a reflexão rumo aos questionamentos e posteriores explicações da realidade. No espírito crítico filosófico encontramos ainda as bases do indagar-se diante da realidade, mesmo aquela já definida, explicada e mitologicamente narrada para de lá extrair o verdadeiro, o real, o nitidamente racional.

Tocando no assunto da racionalidade encontramos uma segunda característica da pensar filosófico. A filosofia rejeita a explicação alegórica e visa uma argumentação racional, refletida, construída com as balizas de uma discussão lógica. A racionalidade caracteriza o pensar filosófico, porque nele se busca excluir todo o metafórico, toda alegoria, dando oportunidade ao pensamento lógico racional, construído por meio de argumentação, diálogo e discussão.

No pensar filosófico se busca favorecer a argumentação como forma de construção do conhecimento, nele encontramos atividades como a observação, e reflexão dos temas propostos, a discussão, com uma sequência apurada de argumentos. Nele não se foga para a explicação religiosa tradicional que com o peso da autoridade faz sucumbir o questionamento e o debate. No pensar filosófico, o pensador é chamado a expor ideias, reflexivamente alcançadas, a demonstrar a racionalidade e a lógica das mesmas para quem somente assim, venha a convencer seus interlocutores.

Na filosofia, nenhum argumento estabelecido tem peso de lei, conclui ou fecha o debate, ao contrário o debate filosófico somente é parcialmente fechado, quando o argumento racional e lógico exclui ainda que temporariamente a possibilidade de discussão. Mas ainda assim a filosofia não se fecha em conclusões.

A Filosofia é expressamente pergunta, indagação e questionamento que nos eleva a discussão, a argumentação e a reflexão apurada lógica e racional. Quando a filosofia passar de pergunta a respostas, quando ela deixando de ser indagação, tornar-se conclusão, ela estará decretando o seu próprio fim.

Os argumentos filosóficos nunca concluem a discussão, por mais claros e definidos que estes sejam, por mais racionais e lógicos que pareçam, eles sempre aguardam a possibilidade de nova argumentação. Daí outra característica da postura filosófica, ela é sempre dotada de uma argumentação sistêmica. A filosofia não parte do nada, do imediato, do instantâneo, ela é um pensar sistêmico e para responder as questões leva em conta a tradição filosófica.

Toda resposta filosófica deve levar em conta a constante sucessão de argumentos, a própria estrutura de pensamentos, não um pensar imediato. O filósofo não pode se contradizer, dizer agora que sim e depois que não, e isso arbitrariamente, todo filósofo deve levar em conta o histórico de seu pensar, e na mudança do sim para o não é chamada, sobe pena de quebrar com a racionalidade e sistematicidade de seu pensamento, a dar explicações vigentes de sua mudança.

Assim, na busca de alcançar um pensamento crítico, racional, lógico e argumentativo, nasce a filosofia. Não só para quebrar com a tranquilidade do pensar e narrar mitológico, mas também para trazer maior rigor explicativo, racional e reflexivo para o pensar e agir humanos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de estudos bibliográficos. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes no texto (SEVERINO, 2007).

Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que essa pesquisa foi realizada através de investigação científica fomentando a importância de buscar sempre novos conhecimentos.

A partir da pesquisa bibliográfica percebeu-se que ao propormos o referido tema, tentamos apontar a urgente necessidade de que despertando o espírito crítico e filosófico em nossos professores e docentes atuais, formados para tanto, possamos está despertando este mesmo espírito em todos que por estes sejam formados, orientados e dirigidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que como uma ciência da reflexão e da racionalidade a Filosofia muito pode oferecer para uma melhor atuação dos profissionais da educação frente a tarefa que lhes é imposta: contribuir para uma significativa melhora do convívio e de toda dinâmica social.

A filosofia, quando se apresenta como uma reflexão de espírito crítico e questionador, levanta a possibilidade de uma educação mais comprometida e consciente. Na atitude filosófica de questionamento e indagação, na postura de quem pergunta sobre os reais valores da realidade que tem diante dos olhos, encontramos a ação consciente de quem não se deixa levar pelas simples ideologias sociais vigentes.

Esperamos, por fim, que este trabalho possa despertar interesse de outros e a disposição em alguns para empreenderem novas pesquisas sobre o assunto, que esta pesquisa de estímulo impulse o aprofundamento desta disciplina e do referido conteúdo, levando em conta a proposta inicial de tornar a ação docente uma ponte para um despertar consciente e comprometidos de agentes críticos de transformação social.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Teologia moral**: o que você precisa viver e saber. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13^o ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 2^o ed. São Paulo: Moderna, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica: alternativas de mudanças**. 51^o ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2002.

LIBANIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. 2^o ed. São Paulo: edições Loyola, 2002.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990(Coleção filosofia).

REZENDE, Antonio (org.) **Curso de Filosofia**: para professores e alunos do segundo grau e de graduação. 13^o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zaver Ed...; 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Márcio Borda da **Metafísica e Assombro**: curso de ontologia. São paulo:Paulus,1994.

SIQUEIRA, Holgónsi Soares Gonçalves. **Interdisciplinaridade**. Publicado no jornal A Razão em 01.07.1999.